

“SOU LICENCIADO(A), MAS NÃO QUERO SER PROFESSOR(A):” UM ESTUDO DO DESCOMPASSO ENTRE FORMAÇÃO, PROFISSÃO E TRABALHO DOCENTE

Cláudia Letícia de Castro do Amaral

Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Educação /UFSM
doamaral.claudia@hotmail.com

RESUMO

A partir da análise de discursos de egressos(as) do Curso de Letras-Inglês e Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Federal de Santa Maria, desde 2008, este estudo investiga as interfaces de trabalho, emprego, profissão e classe social dos professores de Língua inglesa na atualidade, levando em consideração o contexto capitalista. Muitas vezes, os licenciados em Letras-Inglês enfrentam a precarização de suas condições de trabalho, aliada à flexibilização, intensificação, má remuneração entre outros aspectos, que resultam em uma crise relativa à pertença à profissão. Nesse sentido, o objetivo principal deste estudo é, a partir de investigação dialética, observar manifestações e espaços de emancipação e resistência em busca de autonomia e, conseqüente, pertença profissional desses trabalhadores. A fim de alcançar tal propósito, realizou-se um estudo de caso, de natureza qualitativa, com enfoque no materialismo dialético. Os dados foram coletados através de entrevistas presenciais com os egressos, as quais foram analisadas, através da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2010). Constatou-se que a formação superior em Letras e a autonomia são os principais atributos considerados por egressos(as) para que se sintam pertencentes a um grupo profissional e que a maioria dos licenciados não pretendem ser professores.

Palavras-chave: trabalho; emprego; profissão; professores, discursos

INTRODUÇÃO

Este estudo surge da confluência de minhas experiências pessoais, interpessoais, estudantis, profissionais, teóricas e contextuais. Como licenciada em Letras-Inglês e respectivas literaturas, tive diversas oportunidades de trabalho, mas sempre em situação não regular ou regularizada, como trabalhos por conta própria ou contratos por hora aula. Essa situação dificultava que eu conseguisse perceber meu espaço na sociedade e, principalmente, no mundo do trabalho. O quadro resulta em uma crise relativa à pertença à profissão - profissional de Letras? Professora? Trabalhadora? Empregada? Desempregada?,- que passei a analisar a partir de subsídios de minha convivência acadêmica com livros, artigos, colegas e professores, resultando em pesquisa de mestrado, a qual este artigo busca divulgar.

Entende-se que nem a experiência individual, nem a formação têm, isoladamente, papel determinante na caracterização profissional, a qual se constitui, portanto, no âmbito de mediações. Nesse caso, problematiza-se: Como os discursos dos egressos do Curso de Licenciatura em Letras-Inglês e Literaturas de Língua Inglesa, desde 2008, revelam sentidos

de trabalho, profissão e emprego, que constituem sua pertença profissional, se consideradas suas situações de trabalho/emprego, em uma sociedade capitalista?

A fim de constituir argumentos para responder a essa problematização, realizou-se levantamento bibliográfico sobre as categorias mencionadas situadas na perspectiva marxista, buscando ratificar o entendimento que considera a tese de centralidade do trabalho na vida contemporânea. Isso porque se entende que “o trabalho é a atividade que fundamenta e constrói as representações e as subjetividades que possibilitam as pessoas interagirem, para além do próprio trabalho” (ORGANISTA, 2006, p. 126).

O *corpus* deste estudo constitui-se de dados coletados, através de entrevistas presenciais semi-estruturadas com quatro egressos (as) do curso de Letras-Ingês da UFSM, que são denominados (as) neste artigo como Denise, Fabrício, Fernando e Patrícia. Trata-se de um estudo de caso, de natureza qualitativa, com enfoque no materialismo histórico-dialético.

Os dados foram analisados através da perspectiva da Análise de Conteúdo, conforme Bardin (2010), a qual pode ser entendida como um conjunto de técnicas de análise de comunicações, visando, por “procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo de mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens.”(2010, p. 44)

O desenvolvimento deste artigo está dividido em duas seções que indicam os principais resultados da pesquisa, encontrados através do cruzamento dos dados com a metodologia e o referencial teórico adotado.

1 LICENCIADO(A) EM LETRAS MAS NÃO PROFESSOR(A) DE LETRAS: ACHADOS DE PESQUISA

Conforme mencionado, o principal procedimento de coleta de dados foram entrevistas semiestruturadas. O primeiro questionamento buscava identificar se os(as) egressos(as) estavam trabalhando como professores de Língua Inglesa. As perguntas seguintes dependiam dessa resposta, já que foram diferentes em caso positivo ou negativo. Apenas uma dos três sujeitos entrevistados trabalha como professora, sendo que outros são bolsistas de programas de Pós-Graduação, mesmo assim essa se concebe, conforme suas palavras, “muito mais que professora, uma pesquisadora”.

Vale destacar que a busca pela formação continuada deve-se, em muito, aos esquemas de competição requeridos no mercado global. Nesse processo, fortalecem-se os discursos ideológicos da empregabilidade cuja essência é atribuir a responsabilização pelo desemprego ou pelo emprego precarizado à falta de competências e habilidades do trabalhador, desobrigando o Estado ou quaisquer outras instituições pelos processos educativos pelos quais passou esse trabalhador. Então, remetem os trabalhadores a buscar,

em contínuo, modos de desenvolver as competências e habilidades requeridas em intermináveis listas divulgadas intensamente, em cursos e treinamentos que se sucedem *ad infinitum*.

A formação continuada, de certa forma, tarda a inserção dos(as) egressos(as) no mundo do trabalho, os(as) quais, na situação de bolsistas, não conseguem caracterizar sua situação em relação a ele. Além disso, Fernando expressa verbalmente se sentir como se estivesse “num limbo”. Literariamente, limbo é um lugar intermediário entre o paraíso e o inferno. Trazendo para a realidade estudada, é como se o sujeito senti-se em um lugar transitório, ainda não definitivo, por isso que não considera como seu. Nesse caso, não há o sentimento de pertença à profissão.

Quanto a receber apoio financeiro para estudar, Fernando ainda declara se sentir privilegiado, “ter sorte”. Receber bolsa é também o motivo que leva Denise a se sentir empregada. Nesta situação, esse incentivo é concebido como um salário, ou seja, vende-se o trabalho, no caso manifestado através de produção intelectual, em troca de um retorno financeiro que é seu sustento enquanto estudam. No entanto, considera-se tal condição não exatamente como emprego. Usando a denominação de Pochmann (2008), trata-se de um desemprego oculto, ou seja, aquele em que, diferentemente do aberto, não há disponibilidade direta dos sujeitos às necessidades do capitalista, mas, de qualquer forma, trata-se de uma condição instável e transitória.

É interessante perceber, por exemplo, que Denise revelou-se como trabalhadora, por considerar seu trabalho intelectual, realização de pesquisa, como trabalho propriamente dito. Nessa condição, poder-se-ia considerar este tipo de trabalho como não-material, já que não há possibilidade de separação entre o(a) produtor(a) e o seu produto. Focando no trabalho dos professores, alguns estudiosos alegam que a principal mudança é justamente a possibilidade de separação entre o produto e o processo de produção. Segundo Sá (1986 apud HYPOLITO, 1991), “a aula torna-se independente do professor podendo ser alienada como qualquer outra mercadoria no mercado: o ‘pacote’ didático é um dos exemplos”.

De qualquer forma, ratifica-se o entendimento de que os professores “são profissionais cujas condições de produção diferenciam-se das demais práticas produtivas, pois, pela educação, estes seres agem e, ao mesmo tempo, se constituem como trabalhadores, indefinidamente, em um movimento contínuo” (FERREIRA, 2007, p.1). Essas características, nesse caso, limitam a realização do trabalho segundo o modelo capitalista.

Ainda sobre a pós-graduação, os sujeitos a entendem como uma forma de qualificação que permitirá buscarem outras possibilidades de trabalho que não em escolas, públicas ou particulares. Isso se justifica pela desvalorização salarial dos professores

nesses espaços e também pelo desprestígio docente perante a sociedade, acabando por enfatizar a heterogeneidade da classe docente.

Ao encontro, Oliveira (2005) mostra que o aumento dos contratos temporários nas redes públicas de ensino, a desvalorização salarial, a perda de direitos trabalhistas e previdenciários têm tornado cada instável e precária a situação de emprego do magistério público. Além disso, não obstante o avanço da desregulamentação e da flexibilização do mercado de trabalho no Brasil desde 1990, Pochmann (2008) aponta que a criação de novos postos nas novas modalidades de contratação foi ínfima.

O discurso dos(as) entrevistados(as) acaba por demonstrar a percepção dos sujeitos em relação à heterogeneidade docente. Na entrevista, eles(as) deixam claro, por exemplo, que professores universitários e em escolas não pertencem a mesma classe, devido à diferença salarial entre essas categorias, dificultando a definição da classe social dos professores, se esses forem pensados em conjunto. No entanto, é relevante esclarecer que se entende que as classes sociais são resultantes não somente de fatores econômicos, mas de fatores culturais que determinam a pertença, sendo que, uma vez lhe atribuída uma classe, pode haver movimentos interiores ou exteriores, mantendo a mobilidade e a variabilidade social.

Os professores em geral são prestadores de serviço ou trabalhadores assalariados, que convivem com as mesmas condições sociais dos demais trabalhadores. Assim, na forma como é elaborada a percepção da classe trabalhadora nos dias atuais, que vende sua força de trabalho, composta por assalariados que não possuem os meios de produção; este trabalho apóia-se em Antunes (2005) para considerar os professores como pertencentes à classe-que-vive-do-trabalho, aquela “dos que vivem da venda da sua força de trabalho” (2005, p.196). A denominação abarca uma “noção ampliada, abrangente e contemporânea de classe trabalhadora” (ANTUNES, 2005, p. 52)

Organista (2006) diagnostica que, principalmente nos últimos quarenta anos, as grandes transformações sofridas pelo trabalho, reveladas pelo “processo de diminuição de emprego estável e assalariado, do desemprego, do trabalho precário, como fim da utopia do crescimento” (2006, p. 10), constituem-se em argumentos para que alguns autores decretem o fim de sua centralidade. Os discursos dos(as) egressos (as) revelam que estão ou estiveram submetidos a processos de flexibilização, desregulamentação e intensificação de seu trabalho. Além disso, somente uma entrevistada não realiza(ou) trabalhos informais, na maioria próprios da formação em bacharelado.

Ao reconhecer o desenvolvimento histórico do capitalismo como gerador de excedente de trabalho, é possível entender a informalidade como um tipo de uso e de remuneração no âmbito do excedente de mão-de-obra, mesmo que não se deixe de interpretá-la como desemprego mascarado ou oculto. Nesse ponto da análise, vale lembrar

Mészáros, para quem “a ‘flexibilidade’ com relação às práticas de trabalho – que devem ser facilitadas e aplicadas por meio de vários tipos de ‘desregulamentação’ – equivale, na realidade à implacável precarização” (2007, p.148).

A formação em Letras possibilita que o egresso(a) do curso possa realizar diferentes atividades remuneradas. Como egressos de licenciaturas, considera-se que seu espaço potencial de trabalho seja a escola, mas a própria ementa do Curso, veiculada no site oficial da UFSM, aponta outras possibilidades: “O profissional licenciado em Letras pode atuar no magistério (ensino fundamental, médio e superior); atuar no ensino instrumental de línguas; comentar obras em revistas e jornais (crítica literária); preparar, revisar e padronizar textos; fazer tradução e interpretação de textos e atuar em pesquisas na área de Letras e de Linguística.”

Essa situação, ao mesmo tempo em que é benéfica, por aumentar as possibilidades de inserção do(a) licenciado (a) em Letras-Inglês no mundo do trabalho; também é negativa ao dificultar, por exemplo, que ele (ela) respondessem qual seria o trabalho dos professores de Língua Inglesa, conforme será discutido a seguir.

2 PROFESSORES DE INGLÊS EM BUSCA DE PERTENCIMENTO À PROFISSÃO DOCENTE

De acordo com a perspectiva marxista, a categoria trabalho é determinante na análise de quem são os professores nesta sociedade e seu lugar como profissionais. Dessa forma, a incerteza dos licenciados(as) quanto ao trabalho dos professores certamente influenciou na dificuldade que tiveram no estabelecimento dos fatores que caracterizariam o(a) profissional de Letras, mesmo tendo todos (as) se considerado como tal na primeira pergunta sobre o tema, em que foram questionados se eles(as) se sentiam como profissionais.

De qualquer forma, todos(as) consideram a colaboração na aprendizagem dos estudantes como o trabalho dos professores e, de maneira implícita (Denise) ou explícita (Fabrício, Fernando e Patrícia), declaram ser o “ensino”, a docência, o trabalho dos professores. Isso vai ao encontro do entendimento deste estudo, já que se considera que, baseando-se em Ferreira (2009), o trabalho dos professores seja a produção do conhecimento sua e dos estudantes, em contextos políticos e culturais, acontecendo continuamente, na aula (em suas mais diversas configurações), prática social que lhe é atribuída. Em acordo com a autora (2009), o trabalho dos professores é a produção do conhecimento sua e dos estudantes, em contextos políticos e culturais, acontecendo continuamente, na aula (em suas mais diversas configurações), prática social que lhe é atribuída. Essas considerações esclarece a razão de os(as) entrevistadas(os) diferenciarem as categorias professor(a) e profissional de Letras.

A razão para a caracterização como profissionais fica mais clara a partir da próxima pergunta em que todos consideraram a formação em nível superior como a principal característica de um profissional em Letras. Disso, conclui-se que processo de pertença à profissão relacionada à área de Letras os(as) não necessariamente requer a inserção dos(as) licenciados(as) no mundo do trabalho.

Neste estudo, parte-se do pressuposto de que profissão é uma construção social, uma realidade sócio-histórica, produzida pela ação dos atores sociais. Nesse sentido, não é uma lista de atributos de base, definidos em sentido determinista. Entretanto, ao realizar amplo estudo sobre a noção de 'profissão' proposta por diversos autores (POPKEWITZ, 1992; SAVARD, 1999; ALTAREJOS, 1998; IMBERNÓN, 1998), Veiga (2005) chega a seis características que seriam essenciais para que um(a) trabalhador(a) constitua-se como profissional, as quais sejam: o conhecimento especializado, a formação em nível superior, o prestígio social, o controle de qualidade, um código de ética e a autonomia. A propósito, a autora destaca que "é praticamente unânime o reconhecimento da característica de autonomia para distinguir as profissões de ofícios ou das ocupações" (2005, p. 25. Ao encontro do apresentado por Veiga (2005) os (as) quatro entrevistados (as) apontaram a autonomia como um dos atributos relevantes para caracterizar um profissional de Letras.

Nota-se que a autonomia constitui-se em importante elemento no entendimento de ser profissional para os(as) egressos(as), mas, de forma alguma, pode indicar isolamento, total independência, já que supõe contato com o mundo e com outros sujeitos. Nesse sentido, "a autonomia edifica na confluência, na negociação de várias lógicas e interesses; acontece em um campo de forças no qual se confrontam e equilibram difere poderes de influência, internos e externos" (LUCE; MEDEIROS 2006, p.21). Fundamentando-se nessa discussão, conclui-se que a autonomia é elemento fundamental no processo de profissionalização dos professores, sendo sua perda, ao contrário, fator desencadeador de proletarização.

A fim de ratificar tal entendimento, vale destacar a concepção de 'categoria profissional' posta por Enguita (1991). O autor descreve grupo profissional como uma categoria auto-regulada de pessoas que trabalham diretamente para o mercado numa situação de privilégio monopolista. Enfatiza que, diferentemente de outras categorias de trabalhadores, os profissionais são totalmente autônomos em seu processo de trabalho, não tendo de submeterem-se à regulação alheia. Por outro lado, para Enguita, proletário é justamente aquele "trabalhador que não só perdeu ou nunca teve acesso à propriedade de seus meios de produção, como também foi privado da capacidade de controlar o objeto e o processo de seu trabalho, da autonomia em sua atividade produtiva". (1991, p.43)

Neste artigo, visou-se a perceber de que forma se constitui o processo de construção da pertença profissional de egressos(as) do Curso de Letras-Inglês, a partir de seus próprios

discursos, levando em consideração a situação em que se encontram no mundo do trabalho. A parte final visará ratificar o que foi discutido, destacando as principais conclusões a que este estudo possibilitou chegar.

CONCLUSÕES

Este artigo visou a apresentar os resultados de uma pesquisa de mestrado que visou a investigar os sentidos de trabalho, profissão e emprego revelados(as) nos discursos de egressos(as) do Curso de Licenciatura em Letras-Inglês e Literaturas de Língua Inglesa da UFSM; buscando analisar como constituem o processo de pertença profissional, se consideradas suas situações de trabalho/emprego, em uma sociedade capitalista.

Epistemologicamente, partiu-se de um entendimento de trabalho como central na vida dos seres humanos. Compreende-se que, independente da forma histórica que assume, o trabalho é criador da especificidade humana, à medida que é pelo trabalho que a espécie humana produz e se autoproduz. Nesse caso, a fim de analisar o processo de pertença profissional de licenciados(as) em Letras-Inglês, buscou-se investigar o espaço que ocupam no mundo do trabalho (empregados, desempregados) e suas concepções a respeito do trabalho dos professores de Língua Inglesa, o que caracterizaria a especificidade do processo de pertença profissional desse grupo.

Os(as) licenciados(as) concordam que o trabalho dos professores seja a construção de conhecimento juntamente com seus estudantes, preferencialmente através da aula, espaço privilegiado para que isso aconteça. No entanto, todos(as) realizam mestrado, sendo que três são bolsistas e, por isso, não atuam em escolas. Essa seria a razão para que não se considerem como professores, mesmo que sejam egressos(as) de uma licenciatura, já que se encontram desempregados. Na verdade, até mesmo a egressa que atua em uma escola de idiomas se considera mais pesquisadora que professora. Neste caso específico, vale lembrar que a identidade docente não pode ser considerada a priori, ela é uma construção social marcada por “múltiplos fatores que interagem entre si, resultando numa série de representações que os professores fazem de si mesmos e de suas funções, estabelecendo consciente ou inconscientemente negociações” (GARCIA; HYPOLITO; VIEIRA, 2005, p.54) que resultam na maneira que se auto-caracterizam.

De fato, nenhum(a) entrevistado(a) pretende trabalhar em escolas, pelo menos não em escolas regulares de educação básica. Isso demonstra o desprestígio social da profissão até mesmo entre aqueles que optam por licenciatura, acabando por ressaltar também a heterogeneidade da categoria docente, já que professores de escolas de ensino básico e de universidades, por exemplo, não se encontram nas mesmas condições de (des)valorização social e salarial. De qualquer forma, o fato de não se conceberem como professores não exclui a possibilidade de se considerarem como profissionais de Letras. Para os (as)

entrevistados(as) a formação superior em Língua Inglesa faz com que se sintam profissionais da área da Linguagem, sendo esta o principal fator de pertença profissional.

Na verdade, o trabalho dos professores já fora distinguido e prestigiado socialmente enquanto servia a pequenos contingentes dos segmentos médios e altos. Atualmente, entretanto, vai sendo desprestigiado pelos baixos índices de remuneração e, sem dúvida, pelos fortes mecanismos de controle sobre o seu trabalho (adoção obrigatória de livros, programas decididos por agentes externos...), tornando o exercício da licenciatura pouco atrativo. Os discursos dos(as) licenciados(as) ratificam a profissionalização como uma alternativa de resistência a tal desprestígio. Essa já foi, e deve ser, uma das bandeiras dos movimentos sindicais de representação docente ligada, especialmente, à defesa dos planos de carreira do professorado e, conseqüentemente, de sua valorização salarial. A propósito, vale ressaltar que as lutas por melhores condições de trabalho e emprego, muitas vezes, são dificultadas pela própria heterogeneidade da categoria que faz com que haja muita diferença nos direitos reivindicados, os quais acabam sendo, pelo menos em parte, negligenciados. Nesse caso, respeitadas certas especificidades, há que se pensar nos professores em conjunto. A análise sobre o trabalho dos professores de inglês acabou por revelar que suas preocupações são similares às dos professores como um todo. Ratifica-se, portanto, a necessidade de perceber os professores como um grupo, em uma única classe, no caso a classe-que-vive-do-trabalho.

Além da formação superior, os(as) egressos(as) também consideram a autonomia como relevante no processo de pertença profissional. Sem desconsiderar os salários nem sempre convidativos, a profissão de professor já se aproximara das chamadas profissões liberais pela suposta autonomia e pelo reconhecimento social que recebia. Mais recentemente, o entendimento do magistério como semiprofissão adentrou a compreensão crítica de que todo o trabalho está estruturado pelas relações de poder da sociedade. O magistério, embora sua tentativa de aproximação das profissões liberais, principalmente entre professores de Língua Inglesa; está longe de garantir as condições e status que as caracterizam, especialmente pela proletarização de seus quadros ocorridas com conseqüência da universalização do ensino.

A discussão a respeito da autonomia indica que sua compreensão tem relação com o entendimento de suas ambiguidades e contradições. Por isso, de maneira alguma, deve ser um chamado à autocomplacência, nem tampouco ao individualismo competitivo, próprio da sociedade neoliberal; mas à convicção de que um desenvolvimento mais educativo dos professores e das escolas virá do processo democrático da educação, isto é, da tentativa de se construir a autonomia profissional juntamente com a social. Isso porque, quando se está tratando de autonomia de professores, se está tratando também de sua relação com a sociedade e, por conseqüência, do papel dela com respeito à educação.

Portanto, para que aconteça o processo de pertença profissional, os professores de Língua Inglesa precisam incorporar elementos que dão contornos a seu próprio trabalho e, especialmente, tornam-no reconhecido como um campo portador de conhecimentos e saberes que identificam a profissão. No entanto, a pertença profissional também se constitui em um contexto que produz movimentos e incorpora relações de poder estabelecidas pelas políticas educacionais e as estruturas sociais do mundo do trabalho. Isso significa reafirmar que a condição profissional de professor(a) de Língua Inglesa se inscreve numa multiplicidade de fatores de natureza histórica e cultural, ou seja, não se define isoladamente e nem depende exclusivamente de tipologias e atributos determinados, mas se constitui em um território minado de forças contraditórias e mutuamente dependentes. Portanto, formação superior e autonomia são atributos específicos de pertencimento a um grupo profissional, mas se insere em uma gama de influências que atingem o coletivo da profissão. De qualquer forma, os professores devem lutar para manter/ ampliar sua autonomia no processo de trabalho e suas vantagens relativas quanto à distribuição de renda, ao poder e ao prestígio social.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R. **Os Sentidos do Trabalho**. Ensaio sobre a Afirmação e a Negação do Trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.
- ENGUITA, M. F. A ambigüidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarização. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n.4, 1991.
- FERREIRA, L. S. Gestão do Pedagógico, Trabalho e Profissionalidade de Professoras e Professores. **Revista Ibero Americana**. n. 45. p. 217-228. 2007
- _____. O trabalho dos professores na escola como processo de humanização: a gestão do pedagógico. In: BARCELOS; HENZ; ROSSATO (Orgs). **Educação Humanizadora e os Desafios da Diversidade**. Santa Cruz: EDUNISC, 2009.
- LUCE, M.B.; MEDEIROS, I. L. P. Gestão Democrática na e da Educação: concepções e vivências. In: LUCE, M.B.; MEDEIROS, I. L. P. (Orgs.) **Gestão Escolar e Democrática: concepções e vivências**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.
- MÉSZÁROS, I. **O desafio e o fardo do tempo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- OLIVEIRA, D. A. Regulação das políticas públicas na América Latina e suas conseqüências para os trabalhadores docentes. **Educação e Sociedade**. v.26, n.92, out. 2005.
- ORGANISTA, J. H. C. **O debate sobre a centralidade do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- POCHMANN, M. **O emprego no desenvolvimento da nação**. São Paulo: Boitempo, 2008.